

SECRETARIADO DIOCESANO DA PASTORAL DAS VOCAÇÕES

DIOCESE DO PORTO



A alegria do Evangelho
é a nossa missão

Diocese do Porto 2017 / 2018

Movidos pelo amor de Deus

2017/2018

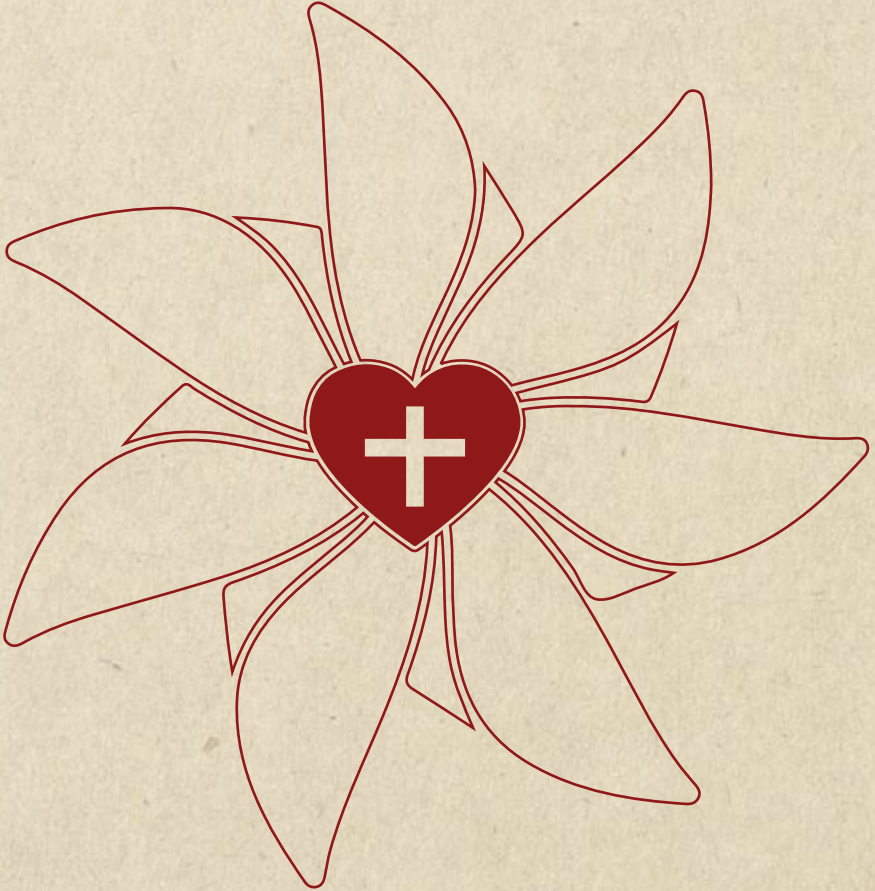
PROJETO DE PASTORAL VOCACIONAL JUVENIL



Movidos pelo amor de Deus

A Alegria do Evangelho é a nossa missão

Diocese do Porto 2017 / 2018





PASTORAL VOCACIONAL

PLANO DIOCESANO DE PASTORAL

I. ALGUNS CONTEXTOS E DESAFIOS PASTORAIS:

A IGREJA DO PORTO, NA COMUNHÃO DA IGREJA UNIVERSAL

1. O SÍNODO DOS BISPOS: OS JOVENS, A FÉ E O DISCERNIMENTO VOCACIONAL

O nosso ano pastoral 2017/2018 acompanha o caminho da Igreja, em ordem à realização da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, a realizar em outubro de 2018, sobre o tema “*Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*”.

Fá-lo-emos, tendo em conta um dos contextos enunciados no nosso Plano Diocesano de Pastoral, para o quinquénio 2015/2020: «*os jovens, apóstolos dos jovens*» (cf. PDP 2015/2020, Cap. III.3, pp. 14-15) e a reiterada prioridade e urgência de uma pastoral vocacional, que é sempre transversal a toda a ação pastoral.

Aqui se cruzam alguns desafios pastorais, que temos vindo a evidenciar, e que não podemos nunca descurar, nomeadamente a urgência em:

1.1. *Despertar nos cristãos a consciência e proporcionar a feliz experiência de serem pessoas amadas e chamadas por Deus*; tal descoberta pessoal do amor de Deus, por parte de cada um, pedirá, em consequência, uma generosa resposta pessoal de amor. É realmente a descoberta deste facto de ser amado e chamado por Deus, que muda, verdadeira e profundamente a vida. As vocações são dom do amor de Deus, um amor sem reservas que nos precede, sustenta e chama ao longo do caminho da vida. É a este amor que devemos abrir a nossa vida, cada dia. É no terreno de um coração em oblação, na abertura ao amor de Deus, e como fruto deste amor, que nascem e crescem todas as vocações. Sobressai aqui, portanto, a necessidade de desenvolver uma pedagogia do apelo para cada um, que constitui o modo privilegiado para suscitar pessoas livres e responsáveis.

1.2. *Reforçar a importância da fé, que nasce do encontro com Cristo e acontece sobretudo nas experiências fundamentais do silêncio, da contemplação e da*



oração; na escuta da Palavra e na celebração dos sacramentos. E é bebendo nestas fontes da oração, da familiaridade assídua com a Palavra de Deus e com os Sacramentos, nomeadamente a Eucaristia, que é possível viver o amor ao próximo, em cujo rosto se aprende a vislumbrar o de Cristo Senhor (cf. Mt 25,31-46).

1.3. *Acentuar a necessidade do acompanhamento pessoal e dos percursos personalizados, uma vez que nos “devemos habituar a percursos de aproximação da fé, sempre menos padronizados e mais atentos às características pessoais de cada um (...) Para as comunidades, o desafio consiste em serem hospitaleiras para com todos, seguindo Jesus, que sabia falar com judeus e samaritanos, com pagãos de cultura grega e ocupantes romanos, compreendendo o desejo profundo de cada um deles” (DPS 2018, III, 4).*

1.4. *Vincar a necessidade imperiosa de caminhar com os jovens e de os acompanhar, numa Igreja que se revele capaz de “sair, de ver e de chamar” (DPS 2018, III, 1). Concretamente, aos catequizandos, aos que se preparam para o Crisma e o celebram, deve ser oferecida uma proposta que provoque uma resposta, uma cuidada atenção aos sinais de disponibilidade interior e de serviço, um discernimento atento das suas inquietações vocacionais.*

1.5. *Criar hábitos de acolhimento, aconselhamento e acompanhamento espiritual. Esta prática deve ser assumida, por parte dos agentes pastorais, no sentido e na preocupação por ajudar os mais novos na definição de um projeto de vida e de uma missão, na Igreja e no seu mundo. Os párocos e os educadores cristãos (catequistas, animadores de grupos de jovens, professores de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), chefes de agrupamentos de escuteiros, etc.) revelem-se sempre disponíveis para perscrutar o coração dos mais novos, para escutar as suas motivações, a fim de os poderem motivar, acompanhar ou reconduzir a pessoas competentes, para um discernimento adequado. São importantes testemunhas no caminho daqueles que procuram neles uma referência, uma orientação e a proposta de um sentido pleno para as suas vidas.*

1.6. *Integrar, acompanhar e formar os jovens, que desejam comprometer-se eclesial ou socialmente, convictos de que aí mesmo se oferece um lugar de descoberta vocacional: “As atividades sociais e de voluntariado oferecem a oportunidade de se colocarem em jogo no serviço generoso; o encontro com pessoas que experimentam pobreza e exclusão pode ser uma ocasião favorável de crescimento espiritual e de discernimento vocacional: também a partir deste ponto de vista os pobres são mestres, aliás, portadores da Boa Notícia de que a fragilidade é o lugar em que se realiza a experiência da salvação” (DPS 2018, III, 3). Neste âmbito importa valorizar a formação, que pertence à essência da missão.*



1.7. *Propor a centralidade da alegria e do amor*, tantas vezes evidenciada no documento preparatório do Sínodo de 2018, e que remete claramente para a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e para a Exortação Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*. Nesta última, refere-se, por 36 vezes, a palavra «*jovens*», e aí somos desafiados a «*encontrar as palavras, as motivações e os testemunhos que nos ajudem a tocar as cordas mais íntimas dos jovens, onde são mais capazes de generosidade, de compromisso, de amor e até mesmo de heroísmo*» [AL, 40]. Neste sentido, os grandes temas e sobretudo os testemunhos vivos da vocação ao matrimónio e à vida consagrada devem ser parte integrante de uma proposta e de uma reflexão constante, partilhada em grupos de catequese, encontros de jovens, aulas de EMRC, e no âmbito do exercício dos seus compromissos com a Igreja e com o mundo.

1.8. *Descobrir a caridade, como chave de toda a vocação*, segundo o testemunho dado por Santa Teresa de Lisieux: «*Compreendi que, se a Igreja tinha um corpo composto de diferentes membros, o mais necessário, o mais nobre de todos não lhe faltava; compreendi que a Igreja tinha um coração, e que esse coração era ardente de amor. Compreendi que só o amor fazia agir os membros da Igreja, e que se o amor se apagasse, os apóstolos já não anunciariam o Evangelho, os mártires recusar-se-iam a derramar o seu sangue... Compreendi que o amor encerra todas as vocações, que o amor é tudo, que abarca todos os tempos e lugares... numa palavra, que é eterno*».

1.9. E Santa Madre Teresa de Calcutá, grande apóstola da caridade, que se sentia “um lápis” na mão de Deus, estava bem consciente de que a falta de amor era a maior de todas as pobreza e que a caridade brota sempre da comunhão com o Senhor. Ela deixou-nos este lembrete: “*O fruto do silêncio é a oração; o fruto da oração é a fé; o fruto da fé é o amor; o fruto do amor é o serviço; e o fruto do serviço é a paz*”. E isto significava para ela contemplação e ação, evangelização e promoção humana.

[...]



II. O CONTEXTO DIOCESANO NO 3.º ANO DO QUINQUÊNIO PASTORAL:

O AMOR DE DEUS QUE NOS MOVE E COMOVE!

4. O ANÚNCIO DA PALAVRA, COMO OBRA DE AMOR

O amor de Cristo impele-nos a anunciar, a celebrar e a viver a alegria do Evangelho e o Evangelho da alegria e da misericórdia do Senhor. Por isso, o enfoque na caridade, não nos desvia do dever do anúncio da Palavra. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata cujo centro é a caridade. O anúncio e o ensino visam comunicar e manter a fé, para que o amor de Deus seja compreendido, recebido e vivido.

Escreveu o papa emérito Bento XVI, na sua Mensagem para a Quaresma de 2013: *“Por vezes tende-se a circunscrever a palavra «caridade» à solidariedade ou à mera ajuda humanitária; é importante recordar, ao invés, que a maior obra de caridade é precisamente a evangelização, ou seja, o «serviço da Palavra». Não há ação mais benéfica e, por conseguinte, caritativa com o próximo do que repartir-lhe o pão da Palavra de Deus, fazê-lo participante da Boa Nova do Evangelho, introduzi-lo no relacionamento com Deus: a evangelização é a promoção mais alta e integral da pessoa humana. Como escreveu o [Beato] Papa Paulo VI, na Encíclica Populorum progressio, «o anúncio de Cristo é o primeiro e principal fator de desenvolvimento»”* (MQ 2013).

Nesta perspetiva, também a finalidade do ensino, da doutrina e da catequese, deve fixar-se toda no amor de Deus, que nunca acaba. Na verdade, podemos expor muito bem o que se deve crer, esperar ou fazer; mas, sobretudo, devemos pôr sempre em evidência o amor de Nosso Senhor, de modo que cada um compreenda quanto qualquer ato de virtude, perfeitamente cristão, não tem outra origem nem outro fim senão o amor: *“o justo viverá pela fé”* (Rm 1,17), mas *“a fé viva atua pela caridade”* (Gl 5,6).

Ser iniciado à fé, através da catequese, implica necessariamente ser iniciado ao amor fraterno. *“A evangelização, que comporta também o anúncio e a proposta moral, difunde toda a sua força interpeladora quando, juntamente com a palavra anunciada, sabe oferecer também a palavra vivida. Este testemunho moral, para o qual a catequese prepara, deve saber mostrar as consequências sociais das exigências evangélicas”* (DGC, 85).

Então há que fazer da caridade uma componente indispensável da catequese, de modo a proporcionar às crianças e aos adolescentes *a aprendizagem da capacidade de doação, de partilha e de serviço*. Esta aprendizagem deveria tornar-se prática habitual para os crismandos através de experiências con-



cretas – bem preparadas, acompanhadas e orientadas –, de visita e até de serviço a instituições que cuidam dos mais vulneráveis.

A dinâmica da caridade deverá ainda fazer com que a catequese e as diversas formas de anúncio tenham em conta os contextos reais, as possibilidades e limites dos seus destinatários, e as suas necessidades de atenção, de afeto, de amor, sem cair na tentação da desistência ou da exclusão, por causa de uma assiduidade irregular ou de contextos familiares adversos.

No âmbito do anúncio e do serviço da Palavra, como primeira oferta e expressão da caridade, importa valorizar a disciplina de EMRC, a presença e missão da Igreja e o potencial evangelizador desta disciplina, respeitando a sua especificidade escolar, em relação à catequese paroquial.

Cabe também, neste âmbito, aprofundar o projeto educativo da Escola Católica. Quer o tema do Sínodo, quer o lema do nosso ano pastoral, quer o contexto do Encontro Mundial das Famílias, podem inspirar as escolas católicas a oferecer um melhor ambiente educativo, animado pelo espírito evangélico da liberdade e da caridade, centrado na atenção e preocupação pelos mais pobres e frágeis, respeitando e envolvendo, de modo pessoal e associativo, as famílias, que têm um papel insubstituível no processo educativo. É de esperar uma Escola Católica comprometida com a Doutrina Social da Igreja e capaz de promover uma verdadeira cultura vocacional.

(do Plano Diocesano de Pastoral, 2017/2018)



DISCURSO DO PAPA FRANCISCO NA ABERTURA DO CONGRESSO PASTORAL DA DIOCESE DE ROMA

*Basílica de São João de Latrão
Segunda-feira, 19 de junho de 2017*

[...] Agradeço a oportunidade de poder inaugurar este Congresso diocesano, durante o qual abordareis uma temática importante para a vida das nossas famílias: acompanhar os pais na educação dos filhos adolescentes.

Nestes dias refletireis sobre alguns temas-chave que de certa forma correspondem aos lugares onde se decide o nosso ser família: a casa, a escola, as redes sociais, a relação intergeracional, a precariedade da vida e o isolamento familiar. Existem laboratórios sobre estes assuntos.

Gostaria de partilhar convosco alguns “pressupostos” que nos podem ajudar nesta reflexão. Muitas vezes não nos damos conta, mas o espírito com o qual meditamos é tão importante quanto o seu conteúdo (um bom atleta sabe que o aquecimento conta tanto quanto o sucessivo esforço). Por isso, esta conversa quer ajudar-nos em tal sentido: um “aquecimento”, e depois caberá a vós “jogar”. Farei uma apresentação em breves capítulos.

1. Em romanesco!

Desejei denominar a primeira das chaves para abordar este tema “em romanesco”: o dialeto próprio dos romanos. Não raro caímos na tentação de pensar ou refletir sobre situações “em geral”, “em abstrato”. Pensar nos problemas, nas situações, nos adolescentes... E assim, sem nos darmos conta, plenamente no nominalismo. Gostaríamos de abarcar tudo, mas nada alcançamos. Hoje, convido-vos a pensar sobre este tema “em dialeto”. E para isto é preciso envidar um esforço notável, porque se exige que pensemos nas nossas famílias no contexto de uma grande cidade como Roma. Com toda a sua riqueza, oportunidades, variedade e, ao mesmo tempo, com todos os seus desafios. Não para se fechar e ignorar o restante (somos sempre italianos), mas para enfrentar a reflexão e até os momentos de oração, com um realismo sadio e estimulante. Sem abstrações, sem generalizações, sem nominalismos.



A vida das famílias e a educação dos adolescentes numa grande metrópole como esta, no fundo, exige uma atenção especial, e não podemos enfrentá-la com leviandade. Porque educar ou ser família numa cidade pequena não é como numa metrópole. Não digo que é melhor ou pior, é simplesmente diferente. A complexidade da capital não admite sínteses redutoras mas, ao contrário, estimula-nos a um modo de pensar poliédrico, pelo que cada bairro e zona encontra eco na diocese, e assim a diocese pode tornar-se visível, palpável em cada uma das suas comunidades eclesiais, com o seu próprio modo de ser. A uniformidade é um grande inimigo.

Viveis as tensões desta grande cidade. Em muitas das visitas pastorais que realizei apresentaram-me algumas das vossas experiências diárias, concretas: a distância entre casa e trabalho (em certos casos, até duas horas para chegar); a falta de vínculos familiares próximos, porque muitos tiveram que se transferir para encontrar trabalho ou para poder pagar a locação; viver sempre contando “até os centavos” para chegar ao fim do mês, porque o ritmo de vida é por si só mais caro (nos povoados as pessoas arranjam-se melhor); o tempo muitas vezes insuficiente para conhecer os vizinhos onde vivemos; ter que deixar, em numerosos casos, os filhos sozinhos... E assim poderíamos ir em frente, enumerando uma grande quantidade de situações que dizem respeito à vida das nossas famílias. Por isso a reflexão, a oração, fazei-a “em romanesco”, concretamente, com todas estas situações reais, com rostos de famílias concretas e pensando no modo de vos ajudardes uns aos outros a formar os vossos filhos no contexto desta realidade. O Espírito Santo é o grande iniciador e gerador de processos nas nossas sociedades e situações. É o grande condutor das dinâmicas transformadoras e salvadoras. Com Ele, não tenhais medo de “caminhar” pelos vossos bairros, pensando em como dar impulso a um acompanhamento para os pais e para os adolescentes. Ou seja, concretamente.

2. Conectados

Juntamente com o precedente, reflito sobre outro aspeto importante. A situação atual faz crescer gradualmente na vida de todos nós, de maneira especial nas nossas famílias, a experiência de nos sentirmos “erradicados”. Fala-se de uma “sociedade líquida” — e é assim — mas hoje, neste contexto, eu gostaria de vos apresentar o problema crescente da *sociedade erradicada*. Ou seja, pessoas, famílias que aos poucos perdem os seus vínculos, aquele tecido vital tão importante para nos sentirmos parte uns dos outros, partícipes com os outros de um projeto comum. É a experiência de saber que “pertencemos” a outros (no sentido mais nobre deste termo). É importante ter em consideração este clima de erradicação, porque passa gradualmente pelo nosso olhar e de modo especial pela vida dos nossos filhos. Uma cultura erradicada, uma família desenraizada é uma família sem história, sem



memória, precisamente sem raízes. E quando não existem raízes, qualquer vento acaba por te arrastar. Por isso, uma das primeiras coisas nas quais temos que pensar como pais, como famílias, como pastores, são os cenários nos quais devemos enraizar-nos, onde gerar vínculos, encontrar raízes, onde fazer crescer aquela rede vital que nos permita sentir-nos em “casa”. Hoje parece que as redes sociais nos oferecem este espaço de “rede”, de conexão com outros, e até os nossos filhos os fazem sentir-se como parte de um grupo. Mas o problema que comportam, devido à sua própria virtualidade, é que nos deixam como que “no ar” — eu disse “sociedade líquida”; mas podemos dizer “sociedade gasosa” — e portanto muito “volátil”: “sociedade volátil”. Não existe pior alienação para uma pessoa, do que sentir que não tem raízes, que não pertence a ninguém. Este princípio é muito importante para acompanhar os adolescentes.

Muitas vezes exigimos dos nossos filhos uma formação excessiva em determinados campos que consideramos relevantes para o seu futuro. Fazemos com que estudem muitas coisas, para que deem o “máximo”. Mas não damos a mesma importância ao facto que conheçam a sua terra, as suas raízes. Privamo-los do conhecimento dos génios e dos santos que nos geraram. Sei que existe um laboratório dedicado ao diálogo intergeracional, ao espaço dos avós. Sei que pode ser repetitivo mas sinto-o como algo que o Espírito Santo fomenta no meu coração: a fim de que os nossos jovens tenham visões, sejam “sonhadores”, possam enfrentar com audácia e coragem os tempos vindouros, é necessário que ouçam os sonhos proféticos dos seus pais (cf. Jl 3, 1). Se quisermos que os nossos filhos sejam formados e preparados para o amanhã, não é só aprendendo línguas (para citar um exemplo) que o conseguirão. É necessário que se *conectem*, que conheçam as suas raízes. Somente assim poderão voar alto; caso contrário, serão capturados pelas “visões” de outros. E volto a falar deste assunto; talvez eu seja obcecado, mas... os pais devem deixar espaço aos filhos, para que falem com os avós. Muitas vezes o avô ou a avó vive numa casa de repouso e não vão visitá-los... Devem falar com eles! Até superar os pais, mas haurir das raízes dos avós. Os avós têm esta qualidade da transmissão da história, da fé, da pertença. E fazem-no com a sabedoria de quem está à porta, pronto para ir embora. Como eu disse, às vezes volto a citar o trecho de Joel (3, 1): «Os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; os vossos anciãos terão sonhos». E vós sois a ponte. Hoje não permitimos que os avós sonhem, descartamo-los. Esta cultura descarta os avós porque eles não produzem: eis a “cultura do descartável”. Mas os avós só podem sonhar quando se encontram com a nova vida, então sonham, falam... Mas pensai em Simeão, pensai na santa tagarela Ana, que ia de um lado para outro, dizendo: “É aquele! É ele!”. E isto é bom, é bonito! São os avós que sonham e conferem às crianças a pertença da qual têm necessidade. Gostaria que neste laboratório intergeracional vós



fizésseis um exame de consciência sobre isto. Encontrai a história concreta nos avós. E não os deixeis de lado. Não sei se eu já disse isto alguma vez, mas vem-me ao pensamento uma história que, quando eu era criança, uma das minhas duas avós me ensinou. Era uma vez, numa família, um avô viúvo: morava com a família, mas tinha envelhecido e quando comiam, caía-lhe um pouco de sopa ou a baba e sujava-se um pouco. Então o pai decidiu fazê-lo comer sozinho na cozinha, “assim podemos convidar amigos...”. Dito e feito. Alguns dias mais tarde, volta do trabalho e encontra o menino que brincava com um martelo, pregos, um pouco de madeira... “Mas o que fazes” — “Uma mesa” — “Uma mesa, porquê?” — “Uma mesa de jantar” — “Mas porquê?” — “Para que, quando envelheceres, tu possas comer ali, sozinho”. Aquele menino tinha entendido com intuição onde estavam as raízes.

3. Em movimento

Educar os adolescentes em movimento. A adolescência é uma fase de passagem na vida não apenas dos vossos filhos, mas de toda a família — é a família inteira que está em fase de passagem — vós o sabeis e o viveis; e como tal, na sua globalidade, devemos enfrentá-la. É uma fase-ponte, e por este motivo os adolescentes não se encontram nem aqui nem lá, estão a caminho, em trânsito. Não são crianças (e não querem ser tratados como tais) e também não são adultos (mas querem ser tratados como tais, de modo especial no plano dos privilégios). Vivem exatamente esta tensão, antes de tudo em si mesmos e depois com quantos os circundam.[1] Procuram sempre o confronto, fazem perguntas, debatem sobre tudo, buscam respostas; e às vezes não ouvem as respostas mas fazem outra pergunta antes que os pais lhes deem a resposta... Passam através de vários humores, as famílias juntamente com eles. No entanto, permiti-me dizer-vos que se trata de um tempo precioso na vida dos vossos filhos. Uma fase difícil, sim. Um tempo de mudanças e de instabilidade, sim. Uma fase que apresenta grandes riscos, sem dúvida. Mas acima de tudo é um tempo de crescimento para eles e para a família inteira. A adolescência não é uma patologia e não podemos enfrentá-la como se assim fosse. Um filho que vive a sua adolescência (por mais difícil que possa ser para os pais), é um filho com futuro e esperança. Preocupa-me muitas vezes a tendência atual a “medicar” precocemente os nossos adolescentes. Parece que tudo se resolve com medicamentos, ou controlando tudo com o slogan “aproveitar ao máximo o tempo”, e assim resulta que a agenda dos jovens é pior que a de um alto dirigente.

Por isso insisto: a adolescência não é uma patologia que devemos combater. Faz parte do crescimento normal e natural da vida das nossas crianças. Onde há vida há movimento, onde há movimento há mudança, busca, incerteza, esperança, alegria e também angústia e desolação. Enquadremos bem



os nossos discernimentos no âmbito de processos vitais previsíveis. Existem limites que precisamos conhecer para não nos alarmarmos, para não sermos negligentes e sabermos acompanhar e ajudar a crescer. Não é tudo indiferente mas nem tudo tem a mesma importância. Portanto, é preciso discernir quais batalhas devem ser travadas ou não. Neste caso serve muito ouvir casais com experiência, que embora não tenham uma receita a dar, ajudar-nos-ão com o seu testemunho a conhecer este ou aquele limite ou variedade de comportamentos.

Os nossos jovens procuram ser e querem sentir-se — logicamente — protagonistas. Não gostam de se sentir comandados nem de obedecer a “ordens” que chegam do mundo adulto (seguem as regras do jogo dos seus “cúmplices”). Buscam aquela autonomia cúmplice que os faz sentir como se “comandassem sozinhos”. E aqui devemos prestar atenção aos tios, sobretudo aos tios que não tiveram filhos ou que não se casaram... Aprendi os primeiros palavões de um tio “solteirão” [riem]. Os tios, para conquistar a simpatia dos sobrinhos, muitas vezes não se comportam bem. Havia um tio que nos oferecia cigarros às escondidas... Coisas daqueles tempos. E agora... Não digo que são maus, mas é preciso prestar atenção. Nesta busca da autonomia que os jovens desejam encontramos uma boa oportunidade, especialmente para as escolas, as paróquias e os movimentos eclesiais. Estimular atividades que os ponham à prova, que os façam sentir protagonistas. Precisam disto, ajudemo-los! Eles procuram de muitos modos a “vertigem” que os faça sentir vivos. Portanto, demos-lha! Estimulemos tudo o que os ajuda a transformar os seus sonhos em projetos e que possamos descobrir que todo o potencial que têm é uma ponte, uma passagem para uma vocação (no sentido mais amplo e bonito da palavra). Proponhamos-lhes metas amplas, grandes desafios e ajudemo-los a realizá-las, a alcançar as suas metas. Não os deixemos sós. Por conseguinte, desafie-mos mais do que eles nos desafiaram. Não deixemos que recebam a “vertigem” de outros, os quais só põem em risco as suas vidas: demos-lha nós! Mas a vertigem certa, que satisfaça este desejo de se mover, de ir em frente. Vemos muitas paróquias que têm a capacidade de “atrair” os adolescentes...: “Nesses três dias de férias, vamos à montanha, façamos algo...; ou vamos cair a escola de um bairro pobre que tem necessidade...”. Torná-los protagonistas de alguma coisa.

Isto requer que encontremos educadores capazes de se comprometer no crescimento dos jovens. Requer educadores estimulados pelo amor e pela paixão de fazer crescer neles a vida do Espírito de Jesus, de fazer ver que ser cristão exige coragem e é algo bom. Para educar os adolescentes de hoje não podemos continuar a utilizar um modelo de instrução meramente escolar, só de ideias. Não. É preciso seguir o ritmo do seu crescimento. É importante ajudá-los a adquirir autoestima, a acreditar que realmente podem ter bom êxito naquilo que se propõem. Em movimento, sempre.



4. Uma educação integrada

Este processo exige que se desenvolva de maneira simultânea e integrada com as diversas linguagens que nos constituem como pessoa. Isto é, ensinar aos nossos jovens a integrar tudo o que são e que fazem. Poderíamos chamá-la uma alfabetização sociointegrada, ou seja, uma educação baseada no intelecto (a mente), nos afetos (o coração) e na ação (as mãos). Ela oferecerá aos nossos jovens a possibilidade de um crescimento harmonioso a nível não só pessoal mas ao mesmo tempo social. É urgente a criação de lugares onde a fragmentação social não seja o esquema dominante. Para tal finalidade é preciso ensinar a raciocinar sobre o que se sente e se faz, a sentir o que se pensa e se faz, a fazer o que se pensa e se sente. Isto é, integrar as três linguagens. Um dinamismo de capacidade posto ao serviço da pessoa e da sociedade. Isto ajudará a fazer com que os nossos jovens se sintam ativos e protagonistas nos seus processos de crescimento e os levará também a sentir-se chamados a participar na construção da comunidade.

Querem ser protagonistas: demo-lhes espaço para que sejam protagonistas, orientando-os — obviamente — e dando-lhes os instrumentos para desenvolver todo este crescimento. Por isso considero que a integração harmoniosa dos diversos saberes — da mente, do coração e das mãos — os ajudará a construir a sua personalidade. Muitas vezes pensamos que a educação seja comunicar conhecimentos e ao longo do caminho deixamos os analfabetos emotivos e jovens com muitos projetos irrealizados porque não encontraram quem lhes ensinasse a “fazer”. Concentrámos a educação no cérebro descurando o coração e as mãos. E esta é também uma forma de fragmentação social.

No Vaticano, quando as guardas vão para a reforma, recebo-as, uma por uma. Recentemente recebi seis. Uma de cada vez. “O que fazes, o que farás...”. Agradeço o serviço prestado. E uma delas disse: “Trabalharei como carpinteiro. Gostaria de ser marceneiro, mas serei carpinteiro. Porque meu pai me ensinou muito sobre isto, e também o meu avô”. O desejo de “fazer”: esta pessoa foi bem educada com a linguagem do fazer; e também o coração é bom, porque pensava no pai e no avô: um coração afetivo e bom. Aprender “como se faz”... Este facto comoveu-me.

5. Sim à adolescência não à competição

Como último elemento, é importante que reflitamos sobre uma dinâmica ambiental que nos interpela a todos. É interessante observar que os jovens querem ser “adultos” e os “adultos” querem ser ou se tornaram adolescentes.

Não podemos ignorar esta cultura, dado que é o ar que todos respiramos.



Hoje existe uma espécie de competição entre pais e filhos: diferente daquela de outras épocas, nas quais normalmente se verificava o confronto entre uns e outros. Hoje passámos do confronto para a competição, que são duas situações diversas. São duas dinâmicas diferentes do espírito. Os nossos jovens hoje encontram muita competição e poucas pessoas com as quais se confrontar. O mundo adulto acolheu como paradigma e modelo de sucesso a “eterna juventude”. Parece que crescer, envelhecer, “amadurecer” seja um mal. É sinónimo de vida frustrada ou esgotada. Parece que hoje tudo deve ser mascarado e dissimulado. Como se o próprio facto de viver não tivesse sentido. A aparência, não envelhecer, maquilhar-se... A mim dá pena quando vejo quem tinge os cabelos.

Como é triste que alguém queira fazer um “lifting” no coração! E hoje usa-se mais a palavra “lifting” que o termo “coração”! Como é doloroso que alguém queira cancelar as “rugas” de tantos encontros, alegrias e tristezas! Vêm-me à mente quando à grande Anna Magnani aconselharam a fazer um lifting e ela disse: “Não, levei a vida inteira para fazer estas rugas: são preciosas!”.

Num certo sentido esta é uma das ameaças “inconscientes” mais perigosas na educação dos nossos adolescente: excluí-los dos seus processos de crescimento porque os adultos ocupam o lugar deles. E encontramos muitos pais adolescentes, tantos. Adultos que não querem ser adultos mas desejam brincar a ser adolescentes para sempre. Esta “marginalização” pode aumentar uma tendência natural que os jovens têm a isolar-se ou a impedir os seus processos de crescimento por falta de confronto. Há a competição mas não o confronto.

6. A “gula” espiritual

Não quero concluir sem este aspeto que pode ser um tema-chave que atravessa todos os laboratórios que fareis: é transversal. É o argumento da austeridade. Vivemos num contexto de consumismo muito forte... E fazendo uma ligação entre o consumismo e o que acabei de dizer: depois da comida, dos remédios e das roupas, que são essenciais para a vida, as maiores despesas são as de produtos de beleza, os cosméticos. Isto é estatística! Os cosméticos. É terrível dizer isto. A cosmética, que era algo mais para as mulheres, agora é igual para ambos os sexos. Depois da despesa básica, a primeira é a cosmética; e em seguida, os mascotes [os animais de companhia]: alimentação, veterinário... Estas são estatísticas. Mas este é outro argumento, o dos mascotes, que não tratarei agora: pensaremos nisto mais adiante. Voltemos ao tema da austeridade. Vivemos, dizia, num contexto de consumismo muito intenso; parece que somos impelidos a consumir, no sentido de que o importante é consumir sempre. Antes, das pessoas que sofriam deste problema dizia-se que tinham uma dependência de comprar. Hoje já não se diz: todos



estamos neste ritmo de consumismo. Portanto, é urgente recuperar aquele princípio espiritual tão importante e esquecido: a austeridade. Entrámos num precipício de consumo e somos induzidos a acreditar que valemos pelo que somos capazes de produzir e consumir, por quanto somos capazes de ter. Educar para a austeridade é uma riqueza incomparável. Desperta o talento e a criatividade, gera possibilidades para a imaginação e especialmente abre ao trabalho em equipe, em solidariedade. Abre aos outros. Existe uma espécie de “gula espiritual”. A atitude dos gulosos que, em vez de comer, devoram tudo o que os circunda (parece que se engasgam quando comem).

Penso que nos faça bem educar-nos melhor, como família, nesta “gula” e dar espaço à austeridade como via para nos encontrarmos, lançar pontes, abrir espaços, crescer com os outros e para os outros. Isto só pode ser feito por quem sabe ser austero; se não é apenas um simples “guloso”.

Na *Amoris laetitia* dizia-vos: «A história duma família está marcada por crises de todo o género, que são parte também da sua dramática beleza. É preciso ajudar a descobrir que uma crise superada não leva a uma relação menos intensa, mas a melhorar, sedimentar e maturar o vinho da união. Não se vive juntos para ser cada vez menos feliz, mas para aprender a ser feliz de maneira nova, a partir das possibilidades que abre uma nova etapa» (n. 232). Parece-me importante viver a educação dos filhos a partir desta perspetiva, como uma chamada que o Senhor nos faz, como família, para tornar esta travessia uma passagem de crescimento, para aprender a saborear melhor a vida que Ele nos oferece.

Foi isto que me pareceu ter que vos dizer sobre este tema.

Muito obrigado! Trabalhai bem. Desejo-vos o melhor. Em frente!

[1] «Para os jovens, o porvir é longo e o passado breve; com efeito, no alvorecer da manhã nada há do dia que se possa recordar, enquanto tudo se pode esperar. Eles deixam-se enganar facilmente, pelo motivo ao qual aludimos, ou seja, porque esperam com facilidade. E são mais corajosos; porque são impetuosos e fáceis de esperança, e destas duas qualidades a primeira impede-lhes de ter medo, a segunda torna-os confiantes; com efeito, ninguém teme quando está irado, e esperar algum bem infunde confiança. E são indignáveis» [Aristóteles, *A retórica*, II, 12, 2].



PROJETO DE PASTORAL VOCACIONAL JUVENIL

NA CASA DA JUVENTUDE

A Casa da Juventude é um projeto Diocesano de Pastoral Vocacional Juvenil, que quer ser espaço para quantos desejem crescer na sua dimensão humana e espiritual, e intuem que o Evangelho lhes oferece modos de o fazer. Uma Casa para os que não ficam indiferentes a situação do mundo atual e querem comprometer-se com a sua transformação. Um espaço para aqueles que, solidários, procuram vincular-se com outros num projeto de humanização.

ACOLHIMENTO E ANIMAÇÃO DE GRUPOS

Para aqueles que procuram a Casa e solicitam orientador ou acompanhamento espiritual, pessoal ou de grupo.

REDESCOBRIR O CAMINHO DA FÉ I ENCONTRO SOBRE A FÉ

Tempo de encontro com Jesus Cristo o único a oferecer o sentido que precisamos para viver a verdade sobre nós próprios.

Meditações e conferências; acompanhamento pessoal; oração; Eucaristia e visita ao Santíssimo; Exame de consciência e Sacramento do Perdão; Leitura espiritual; Rosário, Via Sacra...

Formação na fé a partir de *Encuentro con Jesús*, el Cristo, da Subcomissão de Catequese, da Conferência Episcopal Espanhola (Editorial Edice 2016).

Sempre no 3º sábado de cada mês (o almoço precisa de marcação).



10h30	Acolhimento	18.11.2017	Jesus e Natanael
	Oração: Hora intermédia	16.12.2017	Jesus, Isabel e Maria
	Reflexão	20.01.2018	Jesus e os seus discípulos
11h45	Eucaristia	17.02.2018	Jesus e o jovem rico
12h30	Almoço	17.03.2018	Jesus e seu Pai
14h00	Partilha	21.04.2018	Jesus ressuscitado e os discípulos de Emaús
15h00	Adoração na Capela	19.05.2018	Jesus e os Doze Apóstolos

TEOLOGIA DA VOCAÇÃO

Partindo dos dados do Antigo e Novo Testamento, da História e do Magistério da Igreja, tem por objetivo identificar a iniciativa de Deus sobre si mesmo e comprometer-se com Ele.

Inicia-se na Quaresma (19 de fevereiro) e conclui-se em Junho. Encontros semanais (21h00) de 60 minutos.

CARTA AOS AMIGOS - NEWSLETTER

É uma página de informação e formação com quem deseja manter-se ligado à Casa.



VOCAÇÃO SACERDOTAL

Para proporcionar aos jovens conhecer a vocação Sacerdotal e o Seminário onde esta se forma:

ACÓLITOS AO ENCONTRO DO SEMINÁRIO

Encontro destinado aos Acólitos da Diocese do Porto.

11 novembro 2017	Região Pastoral Grande Porto
27 janeiro 2018	Região Pastoral Nascente
14 abril 2018	Região Pastoral Norte
07 julho 2018	Região Pastoral Sul



APRESENTAÇÃO AO SEMINÁRIO

Encontro destinado aos adolescentes e jovens, tendo por objetivo a inserção no Pré-Seminário / Seminário.

Seminário do Bom Pastor – 14h30

25 novembro 2017

5 maio 2018

EQUIPA DE DISCERNIMENTO PARA O SACERDÓCIO

Coordenada pela Equipa Formadora do Seminário do Bom Pastor, faz o acolhimento e o acompanhamento vocacional dos jovens, em qualquer momento do ano.



VOCAÇÃO CONSAGRADA

Para proporcionar aos jovens conhecer a vocação Consagrada e os carismas das comunidades de consagrados:

DIA COM...

Encontro destinado a adolescentes e jovens, tendo por objetivo o contacto com as comunidades religiosas e os consagrados seculares (locais a determinar).

Institutos Seculares

03 fevereiro 2018

Consagrados de Vida Apostólica

14 abril 2018

Consagrados de Vida Contemplativa

27 maio 2018



EQUIPA DE DISCERNIMENTO PARA A VIDA CONSAGRADA

Coordenado com os Secretariados Regionais (Porto) da Confederação dos Institutos Religiosos de Portugal e Federação Nacional dos Institutos Seculares, faz o acolhimento e o acompanhamento vocacional dos jovens, em qualquer momento do ano.



VOCAÇÃO LAICAL

Para proporcionar aos jovens conhecer a vocação Laical: missionária, matrimonial, voluntariado:

FORA DE PORTAS

Grupos de missão para levar a beleza e a alegria do Evangelho fora de portas, confirmados pelo Espírito, em ações de voluntariado.

CONVERSAS DE NAMORADOS

Encontros destinados a jovens, tendo por objetivo ajudar a discernir sobre a vocação à complementaridade que se manifesta no namoro (na Casa da Juventude, ou no espaço da paróquia ou da vigararia, em datas a combinar).

EQUIPA DE DISCERNIMENTO PARA A VOCAÇÃO LAICAL

Coordenado com o departamento da vocação laical do Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações, faz o acolhimento e o acompanhamento vocacional dos jovens, em qualquer momento do ano.



Movidos pelo amor de Deus



A alegria do Evangelho
é a nossa missão

Diocese do Porto 2017/2018



SECRETARIADO DIOCESANO DA PASTORAL DAS VOCAÇÕES | CALENDÁRIO VOCACIONAL 2017/2018

JORNADAS E SEMANAS

- 12 a 19 de novembro de 2017 | **Semana dos Seminários: “Fazei o que Ele vos disser”**
- 26 de janeiro a 2 de fevereiro de 2018 | **Semana do Consagrado**
- 15 a 22 de abril de 2018 | **Semana das Vocações**
- 27 de maio de 2018 | **Dia de Oração pela Vida Consagrada Contemplativa**
- 08 de junho de 2018 | **Jornada Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes**
- 08 de julho de 2018 | **Ordenações**

FORMAÇÃO PARA AS EPV'S E ANIMADORES

- 30 de setembro 2017 | **Encontro das Equipas de Pastoral Vocacional (paroquial/ vicarial)**
- 20 de abril de 2018 | **Jornadas de Pastoral Vocacional (Clero)**
- 21 de abril de 2018 | **Jornadas de Pastoral Vocacional (Leigos e Vida Consagrada)**

TEOLOGIA DA VOCAÇÃO

- Inicia-se na Quaresma (19 de fevereiro) e conclui-se em junho.
- Encontros semanais (21h00) de 60 minutos, na Casa da Juventude.





ROGAI

PLANO DA ORAÇÃO DIOCESANA PELAS VOCAÇÕES CONSAGRADAS E SACERDOTAIS

13 NOVEMBRO 2017 – 16 NOVEMBRO 2018

A oração é a primeira e permanente intervenção em relação às vocações, rogando “ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a sua messe” (Mt 9, 38; Lc 10, 2) e assista com a sua graça os que nela já trabalham.

- O plano do ROGAI, 2017-2018, decorrerá com um ritmo diário e por Vigararia, com exceção dos sábados, domingos e primeira quinta-feira do mês, permitindo que em cada Vigararia uma vez por mês aconteça a oração diante do Sacrário.
- As expressões da oração podem ser diversificadas: Vigílias, Liturgia das Horas, Rosário, Exposição do Santíssimo... (encontrará subsídios em <http://www.seminariodobompastor.pt>)
- Esta dinamização pela oração pode abrir a um outro conjunto de atividades que a configurem quase como Semana Vocacional, atendendo aos vários destinatários, com uma atenção especial à família, catequese e juventude.
- Quinta-feira Vocacional (primeira quinta-feira do mês) – para que a oração do ROGAI se possa prolongar e intensificar numa oração mais constante.



ROGAI

CALENDÁRIO PARA O ANO 2017-2018

**A ALEGRIA DO EVANGELHO
É A NOSSA MISSÃO: MOVIDOS PELO
AMOR DE DEUS**



	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL
DOM.						1 PÁSCOA
SEG.			1 STA.Mª MÃE DE DEUS			2 ARC-VLC
TER.			2 MCN			3 BAO
QUA.	1 TODOS OS SANTOS		3 MTS			4 CPV-PNF
QUI.	2 FIÉIS DEFUNTOS 1ª 5ª FEIRA		4 1ª 5ª FEIRA	1 1ª 5ª FEIRA	1 1ª 5ª FEIRA	5 1ª 5ª FEIRA
SEX.	3	1 PRD	5 OAZ-SJM	2 DIA DO CONSAGRADO	2 ESP-OVR	6 ESP-OVR
SÁB.	4	2	6	3	3	7
DOM.	5	3 1º DOM. ADVENTO	7 EPIFANIA	4	4	8
SEG.	6	4 PRT-N	8 PFR	5 MAIA	5 FLG	9 FLG
TER.	7	5 PRT-P	9 PRD	6 MCN	6 GDM	10 GDM
QUA.	8	6 VFR	10 PRT-N	7 MTS	7 LSD	11 LSD
QUI.	9	7 1ª 5ª FEIRA	11 PRT-P	8 OAZ-SJM	8 MAIA	12 MAIA
SEX.	10	8 IMACULADA	12 VFR	9 PFR	9 MCN	13 MCN
SÁB.	11	9	13	10	10	14
DOM.	12	10	14	11	11	15
SEG.	13 VNG-S	11 STS	15 STS	12 PRD	12 MTS	16 MTS
TER.	14 AMT	12 TRF-VCD	16 TRF-VCD	13 PRT-N	13 OAZ-SJM	17 OAZ-SJM
QUA.	15 ARC-VLC	13 VLG	17 VLG	14 PRT-P	14 PFR	18 PFR
QUI.	16 BAO	14 VNG-N	18 VNG-N	15 VFR	15 PRD	19 PRD
SEX.	17 CPV-PNF	15 VNG-S	19 VNG-S	16 STS	16 PRT-N	20 PRT-N
SÁB.	18	16	20	17	17	21
DOM.	19	17	21	18	18	22
SEG.	20 ESP-OVR	18 AMT	22 AMT	19 TRF-VCD	19 PRT-P	17 PFR
TER.	21 FLG	19 ARC-VLC	23 ARC-VLC	20 VLG	20 VFR	18 PRD
QUA.	22 GDM	20 BAO	24 BAO	21 VNG-N	21 STS	19 PRT-N
QUI.	23 LSD	21 CPV-PNF	25 CPV-PNF	22 VNG-S	22 TRF-VCD	20 PRT-P
SEX.	24 MAIA	22 ESP-OVR	26 ESP-OVR	23 AMT	23 VLG	21 VFR
SÁB.	25	23	27	24	24	22
DOM.	26 CRISTO REI	24	28	25	25 DOM. RAMOS	23
SEG.	27 MCN	25 NATAL	29 FLG	26 ARC-VLC	26 VNG-N	23 PRT-P
TER.	28 MTS	26 FLG	30 GDM	27 BAO	27 VNG-S	24 VFR
QUA.	29 OAZ-SJM	27 GDM	31 LSD	28 CPV-PNF	28 AMT	25 STS LIBERDADE
QUI.	30 PFR	28 LSD			29 5ª-FEIRA STA MISSA CRISMAL	26 TRF-VCD
SEX.		29 MAIA			30 SEXTA-FEIRA STA	27 VLG
SÁB.		30			31	28
DOM.		31 SAGRADA FAMÍLIA				29
SEG.						30

AMT – Amarante; ARC-VLC – Arouca – Vale de Cambra; BAO – Baião; CPV-PNF – Castelo de Paiva – Penafiel; ESP-OVR – Espinho – Ovar; FLG – Felgueiras; GDM – Gondomar; LSD – Lousada; MAIA – Maia; MCN – Marco de Canaveses; MTS – Matosinhos; OAZ-SJM – Oliveira de Azeméis –



	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO
DOM.			1				
SEG.			2 STS			1 PFR	
TER.	1 TRABALHADOR		3 TRF-VCD			2 PRD	
QUA.	2 VNG-S		4 VLG	1 VFR		3 PRT-N	
QUI.	3 1ª 5ª FEIRA		5 1ª 5ª FEIRA	2 1ª 5ª FEIRA		4 1ª 5ª FEIRA	1 TODOS OS SANTOS 1ª 5ª FEIRA
SEX.	4 AMT	1 VLG	6 VNG-N	3 STS		5 PRT-P REPÚBLICA	2 PFR FIÉIS DEFUNTOS
SÁB.	5	2	7	4	1	6	3
DOM.	6	3	8 ORDEMAÇÕES	5	2	7	4
SEG.	7 ARC-VLC	4 VNG-N	9 VNG-S	6 TRF-VCD	3 PRT-P	8 VFR	5 PRD
TER.	8 BAO	5 VNG-S	10 AMT	7 VLG	4 VFR	9 STS	6 PRT-N
QUA.	9 CPV-PNF	6 AMT	11 ARC-VLC	8 VNG-N	5 STS	10 TRF-VCD	7 PRT-P
QUI.	10 ESP-OVR	7 1ª 5ª FEIRA	12 BAO	9 VNG-S	6 1ª 5ª FEIRA	11 VLG	8 VFR
SEX.	11 FLG	8 ARC-VLC	13 CPV-PNF	10 AMT	7 TRF-VCD	12 VNG-N	9 STS
SÁB.	12	9	14	11	8	13	10
DOM.	13 ASCENSÃO	10 PORTUGAL	15	12	9 DEDICAÇÃO CATEDRAL	14	11
SEG.	14 GDM	11 BAO	16 ESP-OVR	13 ARC-VLC	10 VLG	15 VNG-S	12 TRF-VCD
TER.	15 LSD	12 CPV-PNF	17 FLG	14 BAO	11 VNG-N	16 AMT	13 VLG
QUA.	16 MAIA	13 ESP-OVR	18 GDM	15 ASSUNÇÃO	12 VNG-S	17 ARC-VLC	14 VNG-N
QUI.	17 MCN	14 FLG	19 LSD	16 CPV-PNF	13 AMT	18 BAO	15 VNG-S
SEX.	18 MTS	15 GDM	20 MAIA	17 ESP-OVR	14 ARC-VLC	19 CPV-PNF	16 AMT
SÁB.	19	16	21	18	15	20	17
DOM.	20 PENTECOSTES	17	22	19	16	21 MISSÕES 2018	18
SEG.	21 OAZ-SJM	18 LSD	23 MCN	20 FLG	17 BAO	22 ESP-OVR	19
TER.	22 PFR	19 MAIA	24 MTS	21 GDM	18 CPV-PNF	23 FLG	20
QUA.	23 PRD	20 MCN	25 OAZ-SJM	22 LSD	19 ESP-OVR	24 GDM	21
QUI.	24 PRT-N	21 MTS	26 PFR	23 MAIA	20 FLG	25 LSD	22
SEX.	25 PRT-P	22 OAZ-SJM	27 PRD	24 MCN	21 GDM	26 MAIA	23
SÁB.	26	23	28	25	22	27	24
DOM.	27 SANTª TRINDADE	24 S. JOÃO	29	26	23	28	25
SEG.	28 VFR	25 PFR	30 PRT-N	27 MTS	24 LSD	29 MCN	26
TER.	29 STS	26 PRD	31 PRT-P	28 OAZ-SJM	25 MAIA	30 MTS	27
QUA.	30 TRF-VCD	27 PRT-N		29 PFR	26 MCN	31 OAZ-SJM	28
QUI.	31 CORPO DE DEUS	28 PRT-P		30 PRD	27 MTS		29
SEX.		29 VFR		31 PRT-N	28 OAZ-SJM		30
SÁB.		30			29		
DOM.					30		
SEG.							

S. João da Madeira; PFR – Paços de Ferreira; PRD – Paredes; PRT-N – Porto Nascente; PRT-P – Porto Poente; VFR – Santa Maria da Feira; STS – Santo Tirso; TRF-VCD – Trofa – Vila do Conde; VLG – Valongo; VNG-N – Vila Nova de Gaia – Norte; VNG-S – Vila Nova de Gaia – Sul



SECRETARIADO DIOCESANO
DA PASTORAL DAS VOCAÇÕES
DIOCESE DO PORTO

TRANSPORTES

Autocarros

70 | Bolhão → Ermesinde | Sta Rita

61 | Matosinhos → Valongo | Sta Rita

Comboios

Estação de S. Bento → Ermesinde →

Autocarro 70 ou cerca de 20 min. a pé

CASA DA JUVENTUDE

Rua D. António Barroso, 101 | 4445-396 ERMESINDE

T 229 758 956 | F 229 741 751 | M 965 626 342

casadajuventude@seminariodobompastor.pt

www.seminariodobompastor.pt